

O Homem das Hipálages

Almeida Faria

MUITO ANTES DE EU SABER O QUE FOSSE ISSO DE hipálages, sabia já que o Eça me agradava. Hoje ele faz parte do meu culto e todos os anos o revisito. São visitas catárticas, meio curativas meio rituais, simultaneamente tratamento termal, repouso banhar e peregrinação a Fátima. Com a vantagem de não terem data marcada, de não me obrigarem ao atropelo das multidões nem à confusão das viagens, de serem curtas ou demoradas e sem me obrigarem a sair de casa, de me reconciliarem com esta língua quando ouço o português de certos políticos ou locutores profissionais e tenho ganas de lhes bater. Abro então ao acaso um dos velhos volumes da Lello ou da nova Edição Crítica das obras de Eça de Queirós e sinto que nem tudo está perdido. Até agora a terapia tem funcionado. A prova mais recente dessa eficácia tive-a ao confrontar a Segunda com a terceira versão de *O Crime do Padre Amaro*, dispostas frente a frente, num tomo único, por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha.

Os muçulmanos julgam-se no dever de ver Meca uma vez na vida. Eu julgo-me no dever de, nesta vida, evitar perder o Eça de vista. Antecipando em leveza e rapidez as propostas de Italo Calvino para este milénio, a prosa dele é um raro exemplo de leveza e rapidez na ficção de oitocentos. O que se torna bem patente na prodigiosa produção queiroiana daquele tropo que os gregos baptizaram de *hypallagé*, hipálage. Associação a um subs-

tantivo das qualidades de um sujeito, comparação oblíqua e abreviada, adjectivação envidada, transporte de sentido metafórico, a hipálage resulta da transposição ou transferência de atributos humanos para as partes do corpo, para edifícios ou partes deles, para tecidos ou vestidos, comidas, bebidas, acções, actos e objectos em geral.

É natural que as hipálages de um fumador comessem nos cigarros. Por isso aparece o pensativo cigarro, o cigarro distraído e o cigarro lânguido de Adélia. Mas há também as sobrelhas meditativas, o lábio abjecto e os lábios devotos, a fenda avara, a mão libidinosa ou pacificadora e solene, o dedo subtil ou lento ou trágico ou severo, as sedas impúdicas, o punho bestial, o braço concupiscente e os braços pasmados, a sala séria de tons castos, os ócios asiáticos, o leito de ferro filosófico e virginal, as tias fazendo meias sonolentas, as lojas loquazes dos barbeiros, as carambolas solitárias do Rabecaz, a lenta humidade das paredes fatais do Ramalhete, as saias ligeiras e ilegítimas dos *Ecos de Paris*, a nuca dócil e as alcovas favoráveis e lânguidas de *A Cidade e as Serras*, o chá respeitoso da *Casa de Ramires*, a cervejaria filosófica, o peixe austero e o raspar espavorido de fósforos da *Correspondência de Fradique Mendes*.

Neste livro póstumo – e em todas as últimas obras – as hipálages refinam e explodem de tão numerosas. À medida que aperfeiçoava a sua arte, Eça recorria sempre mais à hipálage como processo de descrever depressa e bem. Depressa e bem, como diz o provérbio, há pouco quem. Eça foi um desses poucos, e não poucos aprenderam com ele. Cem anos depois, o mago das hipálages chama-se Dalton Trevisan, superqueiroiano queira ou não. O que não parece vir a propósito, embora venha. Como um dia veremos.



Sobre Eça de Queirós

Lídia Jorge



· **COMO SUCEDE COM TODO O ESCRITOR GENIAL,** a grandeza da obra de Eça corresponde ao triunfo de um ponto de vista. No seu caso, é o olhar oblíquo sobre a realidade, a troça avassaladora dos segmentos do tempo e do Mundo que lhe coube testemunhar e viver, cruzados com a emoção das experiências abismais que aprendeu com os Românticos, associado sem dúvida ao mistério da sua própria pessoa, que lhe conferiram um carácter inconfundível como criador de grande dimensão.

Pelo menos foi assim que eu aprendi a estimá-lo e a lê-lo na adolescência, quando *Os Maias* e *A Correspondência de Fradique Mendes* significavam tudo o que poderia haver de mais moderno, mais urbano e mais sofisticado, escrito em língua portuguesa. Pelo menos é assim que o entendo sempre

que lá regresso e encontro erguido no ar todo o final século XIX, esse tempo hiperbólico e desastrado que ele interpretou a rir, até hoje, como ninguém.

Mas se é verdade que Eça continua actual, e Portugal em muitos dos seus traços sociológicos continua queirosiano, parece-me desajustado que se continue a divulgar a ideia de que a sua prosa e os seus tipos constituem uma espécie de bitola geneticamente inultrapassável. O cânone, por mais que o seja, não pode ser tomado como uma medida parada. É inquestionável que Eça ultrapassou de longe a Escola Realista, onde mal cabia, e chegou mesmo a pressentir o Modernismo que iria estilhaçar muito em breve o conceito da criação como reprodução da realidade. Não viveu, porém, e infelizmente, a deflagração extraordinária operada no seio das certezas e dos objectos, decomposição dos seres visíveis e invisíveis que viria a produzir as grandes experiências literárias do século XX. As literaturas, e em especial a ficção que se lhe seguiu, tornar-se-iam bem mais complexas, e também mais difíceis de apreender e aceitar, enquanto espelho da vida. A partir de então, a ficção passou a ser o espelho duma outra vida bem mais lábil e inapreensível. A narrativa incorporou os resíduos das aparências e a seu consumo transformou-se, naturalmente, em actos de muito menor docilidade. É por isso que, para além do culto que a obra de Eça legitimamente merece, por mérito próprio e grandeza genuína, se deve reconhecer, para sermos justos, que muita da admiração totalitária que Eça desencadeia, nasce porventura duma espécie de preguiça e lentidão em entender, ainda nos nossos dias, a linguagem diferente daqueles que lhe sucederam. O que não parece vir a propósito, embora venha. Como um dia veremos.

Eça de Queirós

Teolinda Gersão

HÁ TRÊS COISAS QUE SEMPRE AGRADECEREI A Eça de Queirós: a primeira é o enorme prazer que a sua leitura me proporciona, sobretudo pela forma espectacular (no sentido literal do termo) com que põe em cena uma sociedade e uma época. Diferentemente de outros grandes escritores em quem essa qualidade não surge, Eça tem o sentido da acção, do acontecer no momento, do espectáculo, do lado teatral da vida e do mundo. (Não é por acaso que o teatro e a ópera ocupam um lugar tão grande nos seus livros, para além de outros «palcos» mais restritos, de jantares, concertos e salões privados.) E também não é por acaso que mesmo os seus romances mais longos nunca perdem o ritmo nem a tensão dramática: Eça é um enorme «encenador», com tudo o que de arquitectura e visualização esse papel comporta.

A segunda coisa que lhe agradeço é ter-se tornado um traço de união entre o Brasil e Portugal. O Brasil adoptou-o como «seu», sem esperar uma reciprocidade – que não houve – da nossa parte (em relação por exemplo a Machado de Assis). Eça tornou-se um património comum e estou em crer que é hoje mais lido do lado de lá do que lado de cá do Atlântico.

O terceiro motivo pelo qual lhe estou grata é pela sua profunda compreensão do ser humano. É também por essa qualidade que a sua obra não envelhece – mesmo que a sociedade que ele retrata tenha em parte desaparecido (só em parte, porque ainda não conseguimos livrar-nos, entre outros, dos conselheiros Acácios). Como sempre acontece com as grandes obras, também a de Eça vai à frente do seu tempo. Assim, por exemplo, depois de ter

escrito *O Primo Bazílio* seguindo o modelo da *Bovary*, ao qual obedeceram todos os grandes romances de adultério do século XIX, da *Ana Karenina* de Tolstoi à *Effi Briest* de Fontane (este último romance já quase no virar do século, em 1895), Eça retoma o tema de um ângulo completamente diferente em *Alves & Cª*:

Pela primeira vez uma história de adultério feminino não termina com o suicídio nem com a morte da personagem devido a uma doença que é a somatização da culpa e a sua necessária expiação, e tem, pelo contrário, um final feliz. Pela primeira vez num romance de adultério o tema central não é a relação intensa e proibida entre a mulher e o amante: a carga erótica situa-se sobretudo na personagem de Godofredo em relação a Ludovina e o romance de adultério converte-se numa história de amor conjugal. Assistimos (numa perspectiva irónica e quase burlesca) à capitulação dos grandes princípios perante o desejo pequeno-burguês de felicidade doméstica. Claro que o amor de Godofredo por Ludovina não é separável do amor ao seu próprio conforto e o perdão ao amante não é separável da vantagem que este traz ao florescimento da empresa. A risível «mesquinhez» da vida burguesa é um dos olhares possíveis – mas o texto permite múltiplos olhares, que não é aqui o lugar de analisar em pormenor.

Em todo o caso, a *Bovary* foi ultrapassada, e Eça fixa simplesmente a vida, tal como é. Acredito que não teve intenção de escrever um livro de ruptura com a mentalidade da época (desde logo porque, se fosse esse o caso, o autor o teria publicado em vida, e o livro não teria ficado inédito até 1925).

De qualquer modo, a ruptura está lá. O livro fala por si, agora que passou mais de um século sobre a sua escrita – um século que em lugar de o afastar o aproximou de nós. Eça é um autor da sua época – mas também da nossa.



Fotografia de Lusa Ferreira

Eça Estético e Político

(a invenção verbal e a música da frase)

Urbano Tavares Rodrigues



Fotografia de Luisa Ferreira

EÇA DE QUEIRÓS É, PARA MIM, ACIMA DE TUDO, O supremo ironista da nossa literatura moderna e o renovador da língua literária. Desprezando a retórica romântica, ignorando mesmo o português clássico e vernáculo que encontramos no Padre António Vieira ou em D. Francisco Manuel de Melo e que vai dar a Aquilino e a Teixeira Gomes, soube criar uma escrita plástica, luminosa, mais oral e até poética, com base em extensões de sentido e múltiplas conotações, hipálages, metáforas e metonímias, isto é, recursos do estilo impressionista, muito praticado pelos seus mestres franceses, especialmente Flaubert e Maupassant.

É claro que não esqueço o empenho progressista de Eça na crítica da sociedade burguesa conservadora, o retrato caricatural dos oportunistas, dos ricos impantes, dos manobreadores da finança, dos parvos sentenciosos e reaccionários, como o Gouvarinho, o

Abranhos, o Dâmaso Salcede, o Acácio. Nem a crítica ao clero e ao mundo beatério, ao seu egoísmo e às suas superstições.

Os Maias é um romance prodigioso, onde cabem o romanesco e o satírico, teorias sobre a educação e o gosto, o ideário socialista proudhoniano, o amor e a sedução, a boçalidade lusitana nesse e noutros domínios e, para além da constante vivacidade e beleza verbal, uma harmoniosa e trabalhada arte de construção da narrativa.

Também gosto do último Eça, o de *A Cidade e as Serras* e de *A Ilustre Casa de Ramires*, de *Vidas de Santos*, aquele, já politicamente desiludido ou acomodado, que se volta para a suavidade de certos mitos cristãos, revertendo à cultura da infância, e ganha um apuro estético que o coloca, na invenção verbal e na música da frase, entre os mais notáveis prosadores do mostuário europeu.

Sobre Eça de Queirós

João de Melo



Fotografia de Luís Ferreira

A ETERNIDADE DE EÇA, A SUA UNIVERSALIDADE tácita, o génio absoluto do escritor português que mais de perto lidou com os paradoxos do amor e do repúdio por Portugal – será que existem? Claro que sim. Mas existem em nós, por nós. A sua eternidade não vai além de uma permanência sócio-cultural, nossa, no temperamento, no carácter, nos actos e no quotidiano dos portugueses. A sua universalidade começa no ponto em que, sendo nós paradigmas do género humano por ele eleitos, servimos de termo de comparação ou de aproximação a outros humanos, em outros tempos

e lugares do Mundo. O mesmo se não pode dizer do seu génio de escritor – que obviamente só a ele pertence. Não podendo nós reivindicá-lo, de pouco ou nada adianta a gente acoitar-se à sombra dele. Porque é um génio único, sem par, e por isso mesmo inimitável. O génio do Eça que nos põe a ridículo, que nos descalça em público, que nos expõe às misérias e grandezas do Mundo – não pode ser repetido por nenhum outro escritor. Sempre que detecto a presença dele, mesmo que difusa, na prosa ou no humor dos meus contemporâneos, vejo-os mais ociosos, literariamente lívidos e mais subitamente mortais (*«Os meus contemporâneos são mortais»*, escreveu o poeta Gastão Cruz).

Mas afinal trata-se de responder a uma questão: em que medida Eça de Queirós teve mão na minha formação literária; e de que modo ele se insinua ou não na expressão da minha escrita. A este propósito, só teria histórias longas e grandes fascínios a contar. Eça é o meu mais querido romancista português – tanto quanto Camões e Pessoa o são enquanto poetas. Dito isto, falo da mais funda e antiga emoção da minha aventura de leitor, e falo do modo como Eça me ensinou uma espécie de prosódia estilística, musical e ao mesmo tempo irónica, que se postava tanto dentro da poética da narrativa, como no limite do «estilo» e da Literatura. Falo da sua arte mimética, do modo como libertou o adjectivo sem regressar ao Barroco, da prosa alegre e minuciosa desse criador de linguagens que me chamou a si para me dizer que devia seguir sozinho o meu caminho, andá-lo, fazê-lo, assumi-lo como meu e como único – sem o que não me restaria outro destino senão calar-me, regressar ao silêncio de quando apenas o lia e não pensava ainda em nada do que mais tarde acabou também por acontecer comigo.

Breakfast

Possidónio Cachapa

O EÇA É O MEU ESCRITOR DOS PEQUENOS-almoços. Não é o único, mas é um dos que convido, amiúde, a partilhar as profundas chávenas de café com leite e torradas. Sento-me, eu, no meu lugar costumeiro e encosta-se, ele, displicente contra um frasco de compota estrangeira. E ali ficamos, os dois, à conversa, até eu descobrir que é tarde e, qual coelho da Alice, sair disparado. Deixo-o com o seu cigarro pensativo enquanto me faço à estrada do disparate quotidiano. Foi assim desde o início. Conhecíamos-nos de vista, dos textos do 8º..., talvez do 9º... Mas foi só quando *Os Maias* me aterraram sobre a mesa velha da cozinha que a coisa se cimentou. E começou aí um deslizar de folhas, elegante e irónico. Como uma conversa entre dois *gentlemen*, ou antes, entre o herói da *Volta ao Mundo*... e este Passpartout que o escutava, reconhecido pela deferência.

Hoje, de manhã, disse-lhe que viesse e trouxesse os *Contos*. Aquela reunião dos dispersos textos, que só foi publicada depois do espírito lhe abandonar o corpo. E ele chegou em silêncio, sem uma palavra de censura por não nos vermos havia muito tempo. Atira-me com as singularidades de uma loura, chamada Luísa e, como de costume, caí de borco. Fiquei preso àquele Macário que se prendera à Luísa que se tinha prendido ao amor das jóias e por pouco não acaba presa no Aljube. Nem tive tempo de me interrogar sobre aquilo que hoje nos pareciam desvios comportamentais julgados com severidade: entra-me o Poeta Lírico, essa figura esguia, com a «taci-



Fotografia de Luisa Ferreira

turna tristeza de uma cegonha que cisma» e lá me atraso eu, outra vez, antes de o deixar cair sobre o guardanapo e de correr para o impaciente cavalo!

O Eça é como um produtor de ondas tranquilas. Vêm, uma e outra, mansas e de barulho elegante mas, de vez em quando, encapela-se o mar, escurecem-se os céus e a tempestade desaba sobre os protagonistas. Que estão, claro, ridiculamente vestidos para aquela eventualidade. E lá têm os leitores que arregaçar as ceroulas de pano e ir ao seu encontro. Mas do ridículo, já ninguém os safa. A eles. Que somos nós.

Ser de Eça de Queirós

Mário Cláudio



PERTENÇO À ÚLTIMA GERAÇÃO DE LEITORES «naturais», gente que escapou ao martírio do anúncio do imperativo de ler, decorrente de intricadíssimas razões de oportunidade e de vantagem, quando não daquilo a que colam os patriarcas a embaraçante etiqueta de «realização pessoal». Compreende-se que, em consequência deste privilégio, e só por isso, renda eu quotidianamente graças ao Senhor. Mas, acontecendo haver disposto na pré-adolescência de uma ampla biblioteca, e não me tendo saído na rifa, mais uma sorte incomensurável, educadores puritanos ou inquisitoriais, fui desembocar em Eça de Queirós com a mesma espontaneidade com que deixei os berlindes e comecei a descobrir a Cidade. Os textos ali estavam, a falar de aventuras tão interessantes como eram as da

comida, da viagem e do amor, e o Mundo surgia singularmente arrumado, visto embora através da desfocagem do saudável desalinho das ideias. Não houve praticamente Eça que não consumisse, e que não visitasse, nem lugar da sua obra que não se me tornasse da vida, nem perda ulterior da consciência magnífica que o homem me oferecera, a de ser português e europeu.

Um dia, regressado das bolanhas da Guiné, deitado num divã de Londres, coberto por um daqueles panos do Paquistão que se compravam nas lojas de King's Road, folheava o rascunho, chamado *A Catástrofe*, do projectado romance, jamais concluído, mas que acompanhara o escritor ao longo da sua existência, e ao qual conferira ele o título provisório de *A Batalha do Caia*. Fosse por efeito do denominado *stress* de guerra, fosse por outros e mais especiosos motivos, chorei como nunca chorara diante de um papel impresso, e jurei tomar, se a fortuna a tanto me ajudasse, o relato do dito plano de ficção, coisa que acabaria por vir a concretizar *tant bien que mal*, e engendrei uma história verosímil, é claro que baptizada de *As Batalhas do Caia*.

A curiosidade, a gula, o fascínio, a loucura, o orgulho e a quase escravidão pela escrita do Eça, amigo que tanto prezo, colega que supremamente admiro, não esmoreceram porém. Abro o livro na primeira página, e deparo com isto, «*A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramalhete, ou simplesmente o Ramalhete*». Quem haverá então que não me perdoe, se eu arrear com um gesto do braço os volumes todos, ou quase todos, que tenho à cabeceira da cama? O Tolstoi? O Melville? O Proust? A Virginia Woolf? Deixá-los lá!